



DECLARAÇÃO DE VANCOUVER “A Ciência e a Cultura para o Século XXI: Um Programa De Sobrevida” 1989

Vancouver, 15 de Setembro de 1989

A sobrevida do planeta tornou-se uma grande e imediata preocupação. A situação atual exige que medidas urgentes sejam tomadas por todos os setores – científico, cultural, econômico e político – e que toda a humanidade seja sensibilizada. *Devemos serrar fileiras com todos os povos da terra contra um inimigo comum*, a saber tudo aquilo que ameaça o equilíbrio de nosso ambiente ou reduz o patrimônio que deixaremos às gerações futuras. Este é o objetivo que constitui a declaração de Vancouver hoje, e que se segue.

1. A humanidade diante do problema da sobrevida

Nosso planeta é instável: trata-se de um motor térmico que muda constantemente de regime. A vida, que apareceu em sua superfície há aproximadamente quatro bilhões de anos, desenvolveu-se em equilíbrio com um ambiente onde a mudança súbita e imprevisível é a norma. A descoberta, há mais de duzentos anos de uma energia livre imantada nos combustíveis fósseis deu à humanidade o poder de dominar toda a superfície do planeta. Num período incrivelmente curto de tempo, sem querer e sem pensar, nossa espécie tornou-se, de longe, o fator mais importante de mudança do nosso planeta.

As conseqüências foram radicais e sem precedentes na história de nossa espécie:

- a aceleração do crescimento demográfico no curso dos últimos cento e cinquenta anos fez a população mundial saltar de um para cinco bilhões, número esse que dobra a cada trinta ou quarenta anos.;
- a utilização de combustíveis fósseis aumentou em proporção comparável, provocando uma poluição mundial bem como modificações no clima e nível dos mares;
- a destruição, acelerada, do habitat de espécies vivas que acarreta um episódio enorme e irreversível de extinção massiva no seio da biosfera, base do ecossistema terrestre;
- consagramos fundos inimagináveis em recursos e em engenhosidade humana à guerra e à preparação para a guerra.

Tudo isto ocorre baseado na crença de que os recursos planetários seriam inesgotáveis, crença esta, veiculada por sistemas políticos e econômicos que visam *as vantagens do lucro a curto prazo, sem levar em consideração o custo real da produção*.

A humanidade se defronta com uma situação onde todo o equilíbrio entre nossa espécie e o resto da vida planetária corre o risco de naufragar. Paradoxalmente, no momento em que atingimos o limiar da degenerescência do ecossistema e a degradação da qualidade de vida humana, o saber e a ciência estão, agora, habilitados a fornecer, ao mesmo tempo, a criatividade humana e a tecnologia necessárias às medidas que permitirão remediar a

situação e restabelecer a harmonia entre a natureza e a humanidade. *Falta, somente, a vontade política e social.*

1. As origens do problema

Nossas dificuldades atuais têm por origem fundamental certos progressos científicos que, de fato, já estavam presentes no início do século. Estes progressos que estão matematicamente codificados numa representação mecanicista clássica do universo, deram aos seres humanos um poder sobre a natureza que, até recente data, produziu uma massa crescente e incessante e aparentemente sem limites de bens materiais. Embriagada pela exploração deste poder, a humanidade mostrou uma tendência a dobrar seus valores em benefício do que favorecesse a máxima exploração das possibilidades materiais oferecidas por este novo poder. Paralelamente, os valores associados às dimensões do potencial humano que haviam estado subjacentes às culturas precedentes foram abandonados. O empobrecimento da concepção e homem, devido a esta omissão das outras dimensões humanas, corresponde precisamente à *concepção "científica" do universo que o torna uma máquina onde o homem não passa de um simples complemento.*

É a visão que o homem tem de si que determina principalmente seus valores; ela fixa a concepção do "eu" na apreciação do interesse pessoal. O empobrecimento ideológico ligado a esta visão de homem como uma peça de máquina desemboca no estreitamento de valores. Entretanto, os progressos científicos deste século mostraram que *esta concepção mecanicista do universo era indefensável do ponto de vista estritamente científico. Assim, a base racional da concepção mecanicista de homem fica invalidada.*

2. Idéias a respeito de mudanças

Na ciência contemporânea, o antigo modelo rígido e mecanicista do universo se vê substituído por conceitos que oferecem *a imagem de um universo formado por um aporte criador contínuo que não limita rigidamente nenhuma lei mecânica.* O próprio homem torna-se um aspecto deste "élan" criador e está ligado a todo o universo de forma tão integral que, a partir do antigo esquema mecanicista, fica difícil entender. *O "eu" deixa de ser peça da engrenagem submetido ao determinismo de uma máquina gigante para tornar-se um aspecto do "élan" criador e livre, intrínseca e imediatamente conectada à totalidade do universo.*

Nesta nova visão científica, ampliam-se os valores humanos para estar de acordo com aqueles que *prevaleciam nas culturas do passado.* É no contexto das imagens convergentes de homem propostas por progressos recentes da ciência e cultura que buscamos modelos de um futuro, que permita ao homem sobreviver com dignidade e harmonia com seu ambiente.

A espécie humana atingiu limites na sua utilização do mundo exterior e limites também de sua aptidão de viver num meio cultural e social em mutação. A expansão de conceitos científicos levam a pensar que o homem poderia reencontrar crenças e modos de experiência espirituais que havia perdido. A situação crítica na qual se encontra atualmente a humanidade no planeta exige novas visões que, enraizadas em diversas culturas se abrem sobre o futuro:

- *a percepção de um macrocosmo orgânico que reencontra os ritmos da vida* poderia permitir ao homem reintegrar-se ao meio natural e compreender a relação tempo-espacial com toda a vida e o mundo físico;
- reconhecer que *o ser humano é um aspecto do processo criador que dá forma ao universo* amplia a imagem que o homem tem de si e lhe permite transcender o egoísmo que é a causa primeira da falta de harmonia entre ele mesmo e seus semelhantes, como entre a humanidade e a natureza;
- ultrapassando a fragmentação da unidade corpo-espírito-alma, conseqüência da excessiva primazia autorgada a qualquer um destes elementos em detrimento dos outros, *o homem poderá descobrir em si mesmo o reflexo do cosmos e de seu princípio unificador supremo.*

Estas idéias modificam a concepção do lugar do homem na natureza e clamam por *uma transformação radical dos modelos de desenvolvimento*: a eliminação da pobreza, da ignorância e da miséria; o fim da corrida armamentícia; a adoção de novos modos de aprendizagem, novos sistemas educacionais e novas atitudes mentais; aplicação de formas melhoradas de redistribuição destinadas a garantir justiça social; uma nova concepção de modos de vida, baseada na redução do desperdício; respeito pela diversidade, tanto biológica quanto sócio-econômica ou cultural, que transcende os conceitos ultrapassados de soberania.

A ciência e tecnologia são indispensáveis para atingir estes objetivos, mas não terão sucesso senão pela integração da ciência e cultura que oferecem uma razão de vida e através de uma abordagem integrada destinada a ultrapassar a fragmentação que provocou uma destruição da comunicação cultural.

Se não conseguirmos reorientar a ciência e a tecnologia em direção à satisfação das necessidades básicas, os progressos da informática (acúmulo de conhecimento) da biotecnologia (depósito de "brevets" para formas de vida) e da engenharia genética (cartografia do genoma humano) terão *consequências irreversíveis prejudiciais ao futuro da vida humana*.

Não temos mais muito tempo: todo atraso para a instauração de uma paz eco-cultural mundial só servirá para aumentar o custo da sobrevivida.

Devemos reconhecer *a realidade de um mundo multi-religioso e a necessidade de uma tolerância que permita às religiões independentemente de suas diferenças, cooperar umas com as outras*. Isto contribuiria para a satisfação das *exigências da sobrevivida da humanidade e da manutenção dos valores fundamentais compartilhados de solidariedade humana. É lá onde temos o patrimônio comum da humanidade, oriundo de nossa percepção do significado transcendente da existência humana e de uma nova consciência planetária*.

Signatários:

Daniel Afedzi Akyeampong (Ghana) presidente da Associação matemática de Ghana
Ubiratan D'Ambrosio (Brasil) professor de matemática e vice-reitor para o Desenvolvimento universitário da universidade de Campinas
André Chouraqui (Israel) autor, estudo das religiões
Pierre Dansereau (Canada) ecologista, professor honorário na universidade de Quebec, Montreal
Nicolo Dallaporta (Itália) professor honorário da Escola de altos estudos de Trieste
Mahdi Elmandjra (Marrocos) antigo sub-diretor geral da UNESCO, presidente da Associação internacional Futuribles
Santiago Genoves (México) professor titular de pesquisa em Antropologia, Universidade do México
Alexander King (Grã Bretanha) presidente do Clube de Roma
Eleonora Barbieri Masini (Itália) presidente da Federação Mundial dos Estudos para o Futuro
Digby McLaren (Canadá) presidente da Sociedade Real do Canadá
Yūjiro Nakamura (Japão) filósofo, autor e professor na Universidade de Meiji
Lisandro Otero (Cuba) escritor
Michel Random (França) filósofo-escritor
Josef Rimán (Checoslováquia) presidente da Academia checa de ciências
Soedjaatmoko (Indonésia) antigo reitor da Universidade das Nações Unidas
Henry Stapp (Estados Unidos) físico do Laboratório Lawrence Berkeley, Universidade da Califórnia em Berkeley